



Matheus Pedro de Carvalho

Graduado em Economia, com mestrado em desenvolvimento econômico pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutorando em economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O USO DO SWIFT COMO FERRAMENTA DE SANÇÕES: COMO A DESDOLARIZAÇÃO OFERECE NOVOS CAMINHOS PARA PAÍSES SANCIONADOS

THE USE OF SWIFT AS A SANCTIONS TOOL: HOW DE-DOLLARIZATION OFFERS NEW PATHWAYS FOR SANCTIONED COUNTRIES

RESUMO: O Sistema Financeiro Internacional conta com ferramentas avançadas de pagamentos que viabilizam transações rápidas e integradas, essenciais para a economia global. Contudo, essa integração também reflete a hegemonia dos Estados Unidos, que utiliza o Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication (SWIFT) como instrumento estratégico de poder econômico, sobretudo por meio de sanções. Este artigo investiga os impactos dessas sanções em países afetados e analisa as respostas desenvolvidas para mitigar a dependência do dólar, com foco na Rússia e na China. A pesquisa, conduzida por meio de uma metodologia qualitativa baseada em dados oficiais, artigos e relatórios institucionais, demonstra que esses países têm implementado alternativas, como sistemas próprios de pagamento e maior uso de moedas nacionais em transações internacionais. Essas medidas não apenas reduzem sua vulnerabilidade ao sistema financeiro dominado pelos Estados Unidos, mas também questionam a hegemonia do dólar no longo prazo. Os resultados indicam que as iniciativas da Rússia e da China fortalecem suas capacidades econômicas e influenciam transformações na dinâmica do Sistema Monetário e Financeiro Internacional, contribuindo para um debate mais amplo sobre o questionamento da hegemonia do dólar, para a discussão sobre multipolaridade e os desafios à hierarquia estabelecida pelos Estados Unidos.

Palavras-chave: Sanções. SWIFT. Rússia. China. EUA.

ABSTRACT: The International Financial System has advanced payment tools that enable fast and integrated transactions, which are essential for the global economy. However, this integration also reflects the hegemony of the United States, which uses the Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication (SWIFT) as a strategic instrument of economic power, especially through sanctions. This article investigates the impacts of these sanctions on affected countries and analyzes the responses developed to mitigate dependence on the dollar, with a focus on Russia and China. The research, conducted using a qualitative methodology based on official data, articles and institutional reports, shows that these countries have implemented alternatives, such as their own payment systems and greater use of national currencies in international transactions. These measures not only reduce their vulnerability to the US-dominated financial system, but also challenge the dollar's long-term hegemony. The results indicate that Russia and China's initiatives strengthen their economic capacities and influence transformations in the dynamics of the International Monetary and Financial System, contributing to a broader debate on questioning the hegemony of the dollar, the discussion on multipolarity and the challenges to the hierarchy established by the United States.

Keywords: Sanctions. SWIFT. Russia. China. USA.

1 Introdução

A situação atual da hegemonia dos Estados Unidos identifica um desequilíbrio de forças. Mas, essa grande concentração de força do país não quer dizer que dure para sempre. A perspectiva que havia de surgir uma nova ordem mundial mais estabilizadora a partir do acordo de Bretton Woods foi rapidamente terminada por um novo tipo de mercado dominado por capitais voláteis e submetido a grandes instabilidades no Sistema Financeiro Internacional (SFI). Apesar da facilidade de inovação do sistema capitalista, a soberania dos mercados causou diversas crises que assolaram as três últimas décadas do século passado e, conseqüentemente, continuam até os dias atuais. A fragmentação das cadeias produtivas globais e o crescimento do comércio internacional acabaram favorecendo os grandes países da periferia que conquistaram uma maior participação do mercado mundial. Porém, com poucas exceções, os termos de troca seguem a favor dos países centrais e os desequilíbrios aumentaram (Dupas, 2003).

Fundado em 1973, o SWIFT (Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication) foi criado para facilitar a comunicação financeira global de maneira eficiente e segura. Com sede na Bélgica, o SWIFT opera como um sistema de mensagens interbancárias que permite a transmissão de ordens de pagamento internacionais entre instituições financeiras. Diferentemente de sistemas que realizam transferências diretas de fundos, o SWIFT não movimenta dinheiro, mas transmite instruções de pagamento entre os bancos participantes, utilizando códigos padronizados para garantir precisão e rapidez. Atualmente, o SWIFT é reconhecido como a maior rede de mensagens financeiras do mundo, conectando mais de 11.000 instituições financeiras distribuídas em mais de 150 países (SWIFT, 2015). Essa abrangência permite que o SWIFT desempenhe um papel central na economia global, facilitando transações internacionais que movimentam trilhões de dólares diariamente. Países e empresas em todo o mundo dependem desse sistema para a execução de ordens de pagamento, desde operações comerciais até transferências de recursos entre bancos centrais e instituições privadas. A relevância do SWIFT se deve, em grande parte, à sua capacidade de integrar economias globais por meio de uma rede confiável e amplamente aceita. No entanto, sua centralidade no sistema financeiro internacional também o torna uma ferramenta estratégica, com implicações que vão além do mero processamento de pagamentos, incluindo seu uso como instrumento de poder político e econômico, especialmente em contextos de sanções internacionais (McDowell, 2023).

Em março de 2012, de acordo com a ação internacional e multilateral para intensificar as sanções financeiras contra o Irã, o SWIFT foi excepcionalmente proibido pelo Regulamento 267/2012 da UE de fornecer serviços de mensagens financeiras a bancos iranianos sancionados pela União Europeia e principalmente coagidos pelos Estados Unidos. O SWIFT, apesar de constituído sob a lei belga, teve que cumprir este regulamento, conforme confirmado pelo governo de seu país de origem. Em janeiro de 2016, muitos dos bancos afetados foram retirados da lista da União Europeia e, posteriormente, reconectados ao SWIFT, pois estes países possuem grande dependência do petróleo iraniano. Em 2022 (março e junho), de acordo com a ação internacional e multilateral, o SWIFT teve ordens para intensificar as sanções financeiras contra a Rússia, provedores de mensagens financeiras especializadas foram proibidos de fornecer serviços a entidades designadas. Dessa maneira, em uma economia mundial dominada pelo dólar, países que sofrem sanções através da desconexão do principal sistema de pagamentos mundial precisam recorrer a alternativas para escapar destas imposições dos Estados Unidos. Em 2015, a China lançou seu próprio sistema de pagamentos, o Cross-Border Interbank Payment System (CIPS), com o objetivo de internacionalizar sua moeda, o renminbi (RMB), realizar transações e compensações financeiras. Assim, quando lançado, alguns bancos fora da China já estavam conectados ao seu sistema de pagamentos. Países como Irã e Rússia também se conectaram, fazendo com que a hegemonia dos Estados Unidos de impor suas regras na economia mundial pudesse ser questionada (Fernandes; de Carvalho, 2024).

Este trabalho examina as respostas às sanções impostas pelos Estados Unidos por meio do sistema SWIFT, analisando seus impactos sobre diferentes países e os caminhos alternativos desenvolvidos para mitigar a dependência do dólar. O objetivo principal é investigar essas medidas e destacar como as iniciativas da China e da Rússia, incluindo a criação de sistemas alternativos de pagamento e a redução da participação do dólar em suas reservas internacionais, têm levantado questionamentos sobre a hegemonia da moeda estadunidense. A metodologia empregada é de natureza qualitativa, com base em dados econômicos provenientes de instituições oficiais, artigos acadêmicos e relatórios institucionais.

Além desta introdução, o artigo está organizado em três seções principais. A primeira seção explora o papel do sistema SWIFT como uma ferramenta de sanções econômicas dos Estados Unidos, como, por exemplo, as sanções recorrentes aplicadas ao Irã, em que agravou sérias dificuldades para o país em sua exportação de petróleo para a Europa, despertando certo

descontentamento de países europeus que importavam tal matéria. Dessa forma, esta seção busca focar como essa estratégia intensifica os riscos percebidos por países alvo das medidas e seus parceiros comerciais. A segunda seção discute as implicações para o Sistema Monetário e Financeiro Internacional, com ênfase no desenvolvimento de novas ferramentas financeiras que visam reduzir a dependência do dólar, sinalizando uma possível transição para um sistema mais fragmentado. Por fim, a terceira seção investiga a crescente cooperação entre China e Rússia no contexto da desdolarização. Essa parte analisa como as sanções estadunidenses intensificaram a parceria entre os dois países, levando a um aumento no uso do renminbi para liquidações comerciais e à drástica redução das reservas russas em dólar, com uma maior ênfase no ouro como componente central de suas reservas. Baseado nesta estrutura, o trabalho busca contribuir para o debate sobre os desafios e as transformações no sistema financeiro internacional, bem como sobre os limites da hegemonia do dólar em um contexto de crescente multipolaridade.

2 Estados Unidos e o uso do SWIFT como ferramenta de sanções

Segundo McDowell (2021), uma moeda internacional seria qualquer moeda nacional usada fora de seu estado de emissão como meio de troca, unidade de conta e reserva de valor. O dólar é hoje a moeda mais amplamente usada em cada uma dessas funções, embora outras moedas como o euro, o iene e o renminbi desempenhem papéis menores no SMI, com destaque nesta última, que vem cada vez mais aumentando sua participação.

Alguns atos de política externa dos Estados Unidos podem aumentar a atratividade da utilização do dólar por diversos benefícios diretos para nações que já o utilizam. Benefícios políticos implicam a existência de uma relação de trocar “algo por algo”. No que tange aos Estados Unidos, o país garante suporte estrangeiro para o papel internacional de sua moeda em troca de benefícios, tais como ajuda na segurança interna, ajuda militar ou o estabelecimento de tropas militares no país ajudado, também garante concessões econômicas como acesso especial a mercados e ajuda econômica (Helleiner, 2008).

Segundo McDowell (2021), a ação política dos Estados Unidos pode gerar custos diretos para os governos cujas economias dependem do dólar. Dependência global do dólar como moeda de câmbio hegemônica possibilita que o governo norte-americano imponha sanções financeiras que retirem e/ou cortem regimes adversários e seus apoiadores fora do sistema de pagamento. As sanções financeiras aumentaram sua popularidade entre os

legisladores dos Estados Unidos em grande parte porque os custos que impõem sobre os países “inimigos” são precisos e direcionados.

Quando transações internacionais são feitas, ambos países devem liquidar pelo meio de troca que eles usarão para executar e concluir o negócio. Na maior parte das vezes, o dólar é a moeda de escolha. Dados obtidos do SWIFT revelam que de 2014 a 2018, o dólar foi usado em 40–45% de todas as transações dos pagamentos internacionais. O euro pela faixa de 27–36%; a pequena parte restante dos pagamentos internacionais foi dividida entre outras 20 moedas (SWIFT, 2020).

Por exemplo, imagine que um pequeno banco brasileiro (o originador da transação) deseja transferir 100.000 mil dólares em fundos de sua conta no Banco do Brasil para a conta de um banco de alguma cidade nos Estados Unidos. Ambos os bancos não possuem contas transacionais um com o outro, não há uma maneira direta de transferir os fundos entre os dois. Contudo, se ambos os bancos mantiverem contas de correspondente com uma instituição de terceiros, como por exemplo a J.P. Morgan Chase na cidade de Nova York, esse banco terceirizado pode atuar como um intermediário entre as instituições menores. Depois de receber instruções via SWIFT, a J.P. Morgan pode debitar na conta do banco brasileiro os 100.000 dólares e creditar na conta do banco norte-americano a mesma quantidade. Dessa forma, segundo Norrlof et al. (2020):

When it comes to payments in US dollars, nearly all are cleared through “Chips,” the Clearing House Interbank Payments System (Federal Reserve 2002). There are roughly 50 banks that participate in Chips as correspondent banks. In much the same way that a handful of major airports “hubs” connect thousands of smaller airports with one another, this small number of major global banks facilitate nearly all international dollar payments through their role as Chips correspondent institutions (Norrlof et al., p. 14, 2020).

A dependência global do dólar significa que a economia mundial é, por sua vez, dependente de bancos comerciais dos Estados Unidos, uma vez que a maioria das transações internacionais depende de intermediação financeira. De acordo com o Federal Reserve Bank de Nova York (2002), cerca de 95% de todos os pagamentos entre países em dólares são compensados por meio de Clearing House Interbank Payments System (Chips). McDowell (2021) diz que,

Clearing House Interbank Payments System relies on fewer than 50 financial institutions that function as correspondent banks. Members of this elite group operate as hubs that tie thousands of smaller banks around the world together,

making it possible for value to be transferred across borders from one entity to another. If a non-US bank does not have access to a Chips correspondent bank, that institution will find it very difficult—if not impossible—to facilitate an international transaction on behalf of a client using dollars. In order to participate in Chips, a bank must have a branch office in the United States, thereby making the institution subject to US law McDowell (p. 641, 2021).

A supervisão e aplicação das sanções financeiras dos Estados Unidos geralmente cabe ao Escritório de Controle de Ativos Estrangeiro no Tesouro dos Estados Unidos. A principal ferramenta deste escritório é a lista de Designados Especialmente Nacionais (DEN). Ela contém os nomes de indivíduos, empresas e instituições governamentais que os Estados Unidos desejam cortar do sistema financeiro global. A consequência de ser colocado na lista do DEN é o isolamento quase total do sistema financeiro baseado em dólares. Uma vez presente na lista, os DENs descobrem que é quase impossível possuir dívidas estrangeiras, comprar e vender ativos no exterior ou financiar o comércio entre países usando dólares. Por exemplo, em 2018, o governo Trump retaliou a empresa de alumínio russa Rusal em função da suposta intromissão de Moscou nas eleições norte-americanas de 2016. A empresa se viu incapaz de aceitar o pagamento de exportações usando bancos dos Estados Unidos como intermediários financeiros; também enfrentou sérios desafios ao fazer pagamentos em seus títulos atrelados em dólares (Galouchko; Fedorinova, 2018). É dessa maneira que segundo Norloff et al. (p. 12, 2020), os países prejudicados pelas políticas dos Estados Unidos têm buscado formas de mitigar sua vulnerabilidade, procurando reduzir a dependência do dólar como moeda principal para transações internacionais. As iniciativas de Rússia, China e União Europeia para desenvolver alternativas ao sistema de pagamentos dominado pelo dólar exemplificam esse movimento.

Em novembro de 2018, a rede SWIFT desconectou um número desconhecido de bancos iranianos de seus sistemas de pagamento, incluindo o Banco Central do Irã. Apesar de ser relativamente uma infraestrutura técnica de pagamento invisível, a rede SWIFT é indispensável para o bom funcionamento do comércio global e bancário. A desconexão da rede SWIFT implicou severamente de forma negativa nas transações financeiras do Irã. Com a desconexão as negociações não são impossíveis, mas se tornam difíceis, pesadas e caras (De Goede, 2021).

De acordo com o relatório anual do SWIFT de 2010, cerca de nove bancos iranianos, bem como outras vinte e cinco instituições, contavam com o sistema de mensagens. Em janeiro de 2012, a United Against Nuclear Iranian (UANI) enviou uma carta à SWIFT

argumentando que o SWIFT é usado pelo Irã para financiar seu programa de armas nucleares, atividades terroristas e fornecer o apoio financeiro necessário para reprimir brutalmente seu próprio povo. Essa campanha teve consequências tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. Em 2 de fevereiro de 2012, o Comitê Bancário do Senado dos Estados Unidos adotou uma linguagem que teria permitido ao governo do país sancionar o SWIFT se continuasse a permitir que as instituições financeiras iranianas usassem o sistema, pressionando o governo a adotar uma postura mais proativa. A União Europeia deu seguimento a esta ameaça em março, motivada pela pressão dos Estados Unidos e suas próprias preocupações sobre o programa nuclear do Irã, e aprovou regulamentos que proibiam serviços de mensagens financeiras de servir a instituições visadas. Farrell e Newman (2019) destacam que em 2012, a combinação de sanções dos Estados Unidos e da União Europeia levou o SWIFT a excluir bancos iranianos de seu sistema. Essa decisão foi consequência direta da pressão internacional para intensificar as sanções financeiras contra o Irã:

The combination of EU and U.S. sanctions required SWIFT to cut Iranian banks out of its system. In 2012, the EU's Council banned the provision of financial messaging services to Iran. As Lazaro Campos, a former chief executive officer of SWIFT, concluded: "This EU decision forces SWIFT to take action. Disconnecting banks is an extraordinary and unprecedented step for SWIFT. It is a direct result of international and multilateral action to intensify financial sanctions against Iran (Farrell; Newman, 2019, p. 68).

Em 2018, a política de estrangulamento do SWIFT tornou-se mais complexa. Enquanto os Estados Unidos desistiram do acordo com o Irã, ameaçaram impor novamente as restrições ao país. O SWIFT respondeu à ameaça de sanções dos Estados Unidos retirando da lista as principais instituições iranianas, ao mesmo tempo em que afirmava publicamente que o fazia para manter a estabilidade do SFI como um todo. A pressão dos Estados Unidos levou os políticos europeus como o ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Heiko Maas, a começar a discutir se a União Europeia precisaria iniciar a construção de seus próprios meios internacionais de pagamento, fornecendo uma saída alternativa que é menos vulnerável à pressão exercida pelos norte-americanos (Farrell; Newman, 2019).

Ainda segundo os autores, o uso do SWIFT como arma vai em direção oposta as expectativas liberais da globalização. Demonstra como as redes globalizadas podem de fato serem usadas para exercer poder de uma hegemonia, reunindo enormes quantidades de dados que poderiam ser utilizados para fins de segurança, excluindo estados nacionais da participação no Sistema Financeiro Internacional. Diante desta discussão serão abordados dois

países, China e Rússia, países estes que sofreram sanções norte-americanas e consequentemente tiveram problemas para realizar transações internacionais em suas exportações, tendo obrigatoriamente que buscar alternativas para além da dependência do padrão dólar.

3 Consequências para o sistema monetário e financeiro

Em resposta ao ataque da Rússia à Ucrânia, os Estados Unidos e uma coalizão de países cooperantes impuseram severas sanções financeiras ao governo, corporações e indivíduos russos. Essas sanções impedem os bancos russos de usar o SWIFT para facilitar pagamentos internacionais, proíbem os bancos de fazer a maioria das formas de negócios com entidades russas e congelam ativos mantidos no exterior pelo Banco Central da Rússia sob a forma de títulos do tesouro e depósitos bancários. Bloquear a Rússia do SWIFT reduziria sua capacidade de conduzir transações financeiras internacionais, forçando importadores, exportadores e bancos a encontrar novas maneiras de transmitir instruções de pagamento (Rappeport, 2022).

De acordo com Eichengreen (2022), as sanções fizeram com que a Rússia, assim como outros países, a considerar alternativas para evitar a vulnerabilidade gerada pela dependência do sistema financeiro dominado pelos Estados Unidos. Entre as opções analisadas estão a criação de um sistema alternativo ao SWIFT para transmissão de instruções interbancárias, o estabelecimento de parcerias com instituições financeiras não ocidentais para facilitar negócios internacionais e a implementação de mecanismos de compensação que não utilizem o dólar. Além disso, esses países têm buscado novos instrumentos para denominar e realizar transações fora da esfera do dólar. Nesse contexto, a China desponta como uma referência estratégica, dado que possui bancos com atuação global significativa, desenvolveu sua própria câmara de compensação para transações internacionais e tem promovido ativamente o uso de sua moeda, o renminbi, em uma tentativa de ampliar sua aceitação internacional e reduzir a dependência do dólar como moeda de reserva e transação. Esses esforços refletem uma busca por maior autonomia financeira e por alternativas viáveis dentro de um sistema financeiro cada vez mais fragmentado e multipolar.

A partir de abril de 2020, a Rússia aceitou o renminbi em pagamento pelas exportações de petróleo e carvão para a China, presumivelmente por meio do CIPS. Ele pode usar recibos em renminbi para comprar mercadorias diretamente de fornecedores chineses. O

renminbi entregue ao banco central russo também poderia ser usado para estabilizar a taxa de câmbio do rublo - embora, como o rublo não é uma das moedas para as quais o Banco Popular da China tem um mercado de câmbio direto, os saldos do renminbi primeiro teriam que ser trocados por outra moeda, como o iene japonês ou a libra esterlina. Mas é revelador que, quando a Rússia deixou de pedir dólares em pagamento por suas exportações para a China, passou a aceitar euros, que possui utilidade mais ampla (Yeung; Goh 2022). Segundo Eichengreen (2022):

The United States and other countries that levied sanctions against Russia for its war on Ukraine have deployed an impressive array of financial weapons. These include disconnecting Russian banks from SWIFT; barring banks from engaging in most transactions with Russian counterparties, whether through CHIPS or another Western clearinghouse; and freezing the foreign reserves of Russia's central bank. These steps are possible because SWIFT, in which Western banks are important shareholders, is incorporated in Belgium and because CHIPS is supervised by the U.S. government, just as clearinghouses in other countries are supervised by their national authorities. They are possible since the dollar is the dominant international currency: because it is used by CHIPS; because it is used disproportionately to invoice and settle cross-border transactions globally; and because it accounts for the majority of global foreign exchange reserves (Eichengreen, 2022, p. 6).

Isso deixou a Rússia lutando por outras maneiras de executar transações internacionais, tanto ao receber o pagamento por suas exportações de petróleo quanto ao efetuar o pagamento pelas importações de mercadorias. Ela está procurando outras formas além de dólares, euros, libras e ienes para manter suas reservas estrangeiras em outros lugares além dos Estados Unidos, zona do euro, Reino Unido e Japão. Dados os custos incorridos pela Rússia como resultado dessas sanções, outros governos que contemplam um possível conflito com os Estados Unidos e seus aliados estão presumivelmente perguntando se podem construir instituições e identificar acordos que os libertem do SWIFT, CHIPS e do dólar (Eichengreen, 2022).

A China aponta como o principal candidato a liderar esforços na criação de arranjos financeiros alternativos, dadas suas condições geopolíticas e econômicas. Alinhada ao seu objetivo de reunificação com Taiwan, a China tem razões para antecipar possíveis tensões com os Estados Unidos, que defendem a autonomia da ilha, e para buscar maior resiliência financeira em cenários de conflito. Além disso, o país possui porte econômico e financeiro significativo para construir tais alternativas. Atualmente, é o maior exportador global em termos de valor agregado e ocupa a segunda posição, atrás apenas dos Estados Unidos, no valor de suas importações. O renminbi desempenha um papel central como a moeda utilizada

por suas empresas em transações de comércio exterior. No campo do investimento estrangeiro, a China é a principal fonte global de investimento direto externo e o segundo maior destino desse tipo de capital, após os Estados Unidos (UNCTAD, 2021). Em paralelo, as autoridades chinesas têm promovido ativamente o uso internacional do renminbi, incentivando importadores estrangeiros a realizar pagamentos nessa moeda e orientando os beneficiários dos projetos do Cinturão e Rota da Seda a contrair empréstimos denominados em sua moeda. Esses esforços reforçam sua estratégia de ampliar o alcance global de sua moeda e reduzir a dependência do dólar.

Essas alternativas atrairão países preocupados em serem alvo de sanções dos Estados Unidos. Como, por exemplo, o Irã, que segundo o próprio site do SWIFT (2023):

The new European Council decision, as confirmed by the Belgian Treasury, prohibits companies such as Swift to continue to provide specialised financial messaging services to EU-sanctioned Iranian banks. Swift is incorporated under Belgian law and has to comply with this decision as confirmed by its home country government (Swift, 2023).

Eles estão cientes que os Estados Unidos e a China podem estar em lados opostos de um futuro conflito geopolítico ou, se o conflito não envolver a China diretamente, que seu governo pode preferir permanecer neutro. Fazer negócios por meio de instituições financeiras chinesas seria, portanto, uma forma de contornar as sanções dos Estados Unidos. Isso seria conveniente porque a China já constitui um grande mercado. A China já era o principal destino das exportações russas, por exemplo, antes mesmo da invasão ucraniana. Fazer negócios por meio de instituições financeiras chinesas e acumular ganhos na forma de renminbi é atraente na medida em que a moeda pode ser usada para compras de mercadorias e materiais da China.

No cenário extremo em que as relações entre os Estados Unidos e a China se rompem, podem surgir dois sistemas monetários e financeiros autônomos: um sistema ocidental centrado nos Estados Unidos e utilizando o dólar e um sistema oriental centrado na China e utilizando o renminbi. Em um cenário menos extremo, onde não há sanções dos Estados Unidos à China (ou vice-versa) e nenhum conflito militar direto entre os dois países, haverá sobreposição. As instituições financeiras ocidentais usarão o renminbi e o CIPS para algumas transações com suas contrapartes chinesas, e as instituições financeiras chinesas usarão o CHIPS. Suas respectivas autoridades nacionais não se opuseram a isso no passado. Os quatro grandes bancos públicos chineses são participantes diretos do CHIPS (Eichengreen, 2022).

Certamente, se os Estados Unidos vissem a China como facilitadora da evasão das sanções pela Rússia, essa postura permissiva poderia mudar. Fazer com que Washington impeça os bancos norte-americanos de participar do CIPS seria mais um golpe nas relações Estados Unidos-China e aceleraria a dissociação econômica e financeira dos países. Isso teria implicações de longo alcance não apenas para o sistema financeiro, mas também para a organização fundamental das respectivas economias.

Fora disso, no entanto, os dois sistemas financeiros transfronteiriços continuarão a se sobrepor. A maioria dos observadores, ao se referir à dissociação Estados Unidos-China, prevê crescimento mais lento ou estagnação dos fluxos de comércio e investimento bilaterais, não que esses fluxos cessem totalmente (Segal, 2021). Eles preveem limites às importações e exportações de bens e tecnologias estratégicas, bem como medidas políticas destinadas a aumentar a autossuficiência dos dois países em áreas estratégicas. É concebível, é claro, que eles estejam subestimando a extensão da possível dissociação. No entanto, se algo interrompesse totalmente os fluxos de comércio e investimento bilaterais, a reorganização da compensação transfronteiriça seria o menor dos problemas de qualquer um.

Segundo Lee (2022), mais imediatamente, os acordos financeiros da China, como o CIPS, podem enfraquecer o efeito das sanções ocidentais, oferecendo aos países-alvo uma solução alternativa difícil de detectar. Mas o CHIPS processa 40 vezes mais transações para 10 vezes mais bancos. O sistema de mensagens financeiras da China é usado apenas por poucos participantes diretos, e o CIPS continua a depender do SWIFT para a maioria de suas transações. O renminbi, no qual as transações transfronteiriças adicionais serão denominadas se e quando os pagamentos migrarem para o CIPS, representa apenas 2,1% das transações atualmente suportadas pelo SWIFT. O CIPS forneceria alguma utilidade para um país barrado do CHIPS, mas não permitiria que esse país e seus bancos replicassem toda a rede anterior de transações.

Dessa forma, os Estados Unidos, que executam sanções financeiras, devem ponderar e se preparar para o desenvolvimento de novas ferramentas financeiras alternativas na China e em outros países. Isso pode significar o aumento da coalizão de nações agindo em conjunto para escapar das sanções.

4 Relações China-Rússia para reduzir o uso do dólar

A Rússia tem enfrentado crescente pressão de sanções dos Estados Unidos desde 2014 quando o presidente Barak Obama assinou cinco Ordens Executivas separadas, autorizando o tesouro a rotular como DENs indivíduos e entidades próximas ao regime de Vladimir Putin como forma de retaliação pela invasão da Crimeia¹. Nos anos após esta primeira rodada de sanções, as relações entre Estados Unidos e Rússia se complicaram ainda mais. Enquanto isso, programas de sanções que visaram Moscou continuaram a acumular-se. No final de 2018, DENs russos foram alvos de oito Ordens Executivas separadas, a respeito da interferência russa na presidência dos Estados Unidos nas eleições de 2016 juntamente com outros crimes cibernéticos e violações dos direitos humanos. Em resposta, o governo russo se tornou um crítico das sanções dos Estados Unidos e do papel do dólar na economia global.

Além da retórica anti-dólar intensificada em Moscou, evidências indicam que as sanções dos Estados Unidos aceleraram o ritmo da “desdolarização” russa, esforços estes que começaram nos anos anteriores a 2014. As mudanças mais notáveis vieram nos esforços russos para reduzir significativamente a participação do dólar em suas reservas. Os esforços para reduzir sua dependência do dólar em pagamentos internacionais também aumentaram (McDowell, 2021).

Em uma reunião entre os chefes de estado da Rússia e China em 2017, após as sanções terem sido postas em prática, o primeiro-ministro russo Dmitry Medvedev defendeu uma mudança no SMI. Embora ele não tenha mencionado as sanções diretamente, ele apelou a uma política monetária baseada em um sistema de várias moedas de reserva, com formas de liquidação diferenciadas, onde não haveria dominação de nenhuma moeda (Reuters, 2017).

Após a eclosão da crise na Ucrânia no fim de 2021, as sanções financeiras foram intensificadas, algumas das quais são as primeiras a serem usadas contra um grande país como a Rússia. De acordo com Xu e Xiong (2022), as sanções financeiras possuem algumas características principais, como, por exemplo, a primeira é congelar ou confiscar os bens das entidades em questão. A União Europeia e o Reino Unido também impuseram o congelamento de ativos a indivíduos e instituições russas. Mais recentemente, em 28 de

¹ No início de 2014, a Crimeia se tornou o foco de uma das piores crises entre a Rússia e países como os Estados Unidos e o Reino Unido desde a Guerra Fria, depois que o ex-presidente da Ucrânia, o líder pró-russo Viktor Yanukovich, foi deposto após uma série de protestos (BBC, 2022).

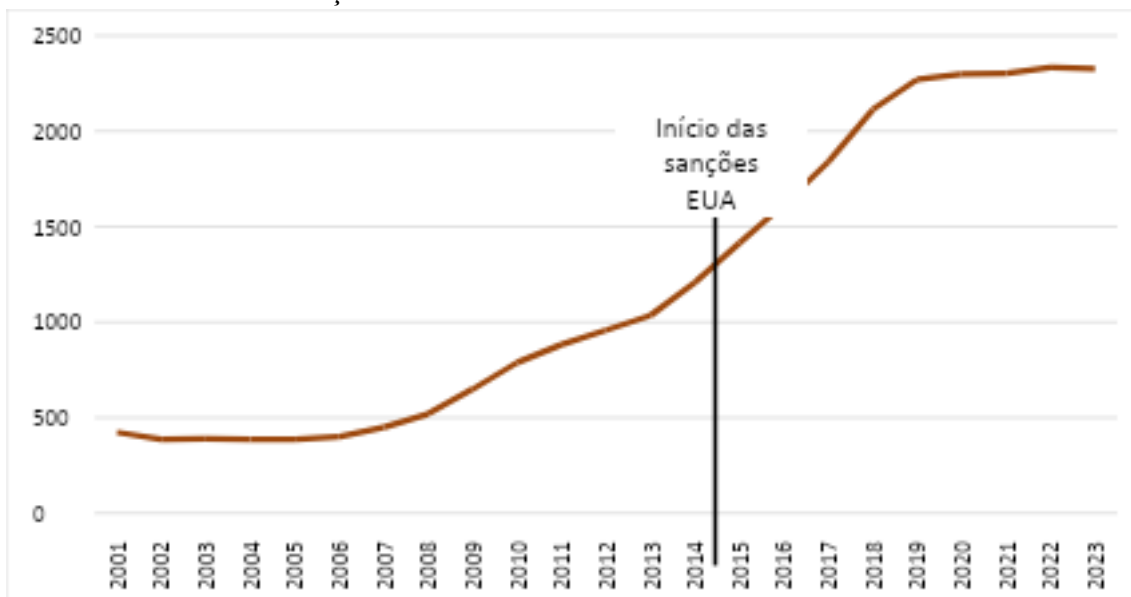
fevereiro de 2022, os Estados Unidos e a Europa impuseram um congelamento dos ativos do Banco Central da Rússia para restringir sua capacidade de usar suas reservas internacionais, o que deixou cerca de US\$ 300 bilhões em ativos russos congelados e causou choques significativos nos mercados financeiros russos. A segunda restrição, segundo Xu e Xiong (2022):

[...] is to restrict Russian institutions' access to the US dollar payment network and SWIFT system. The United States is at the core of the international payment and settlement system. By restricting or even cutting off the links between Russian financial institutions and the US dollar payment network, it makes Russia impossible to conduct international economic transactions with overseas as usual. For example, in the sanctions imposed by the U.S. Treasury Department on the Russian Savings Bank on 24 February 2022, it required all U.S. financial institutions to close any Russian Savings Bank agency account or remittance account within 30 days, thus kicking the bank out of the US dollar payment and settlement system.¹ In addition, driven by the United States and Europe, some of the key Russian banks, such as the Vneshtorgbank, the Vnesheconombank (VEB) and the Promsvyazbank, have been excluded from the SWIFT system. Hence, these Russian financial institutions will be restricted to operate their international trade and financial transactions as usual” (Xu; Xiong, 2022, p. 2).

Em um encontro realizado em 2021 com os ministros das Relações Exteriores da União Europeia, o principal diplomata da Ucrânia, Dmytro Kuleba, pediu um novo pacote de sanções, incluindo a expulsão de bancos russos do SWIFT. A conversa sobre um possível embargo atingiu seu auge em Moscou nos dias que antecederam o anúncio do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, de uma nova rodada de sanções contra a Rússia em meados de abril, com funcionários russos e autoridades bancárias falando sobre os perigos de ser desconectado. O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, defendeu que não podem descartar quaisquer ameaças em potencial, quando questionado sobre a possibilidade. Segundo ele, as sanções não são razoáveis e imprevisíveis e, portanto, a situação os obriga a estarem sempre em estado de alerta (Moscowtimes, 2021).

Como esses exemplos ilustram, desde a introdução de sanções dos Estados Unidos, os ministros russos vincularam diretamente o domínio do dólar à capacidade do país de transformar a moeda em arma e, como resultado, exigiram medidas para reduzir a dependência de sua economia do dólar. O Gráfico 1 mostra as variações nas reservas em ouro da Rússia de 2001 até 2023, é notável o aumento das reservas de ouro após as primeiras sanções.

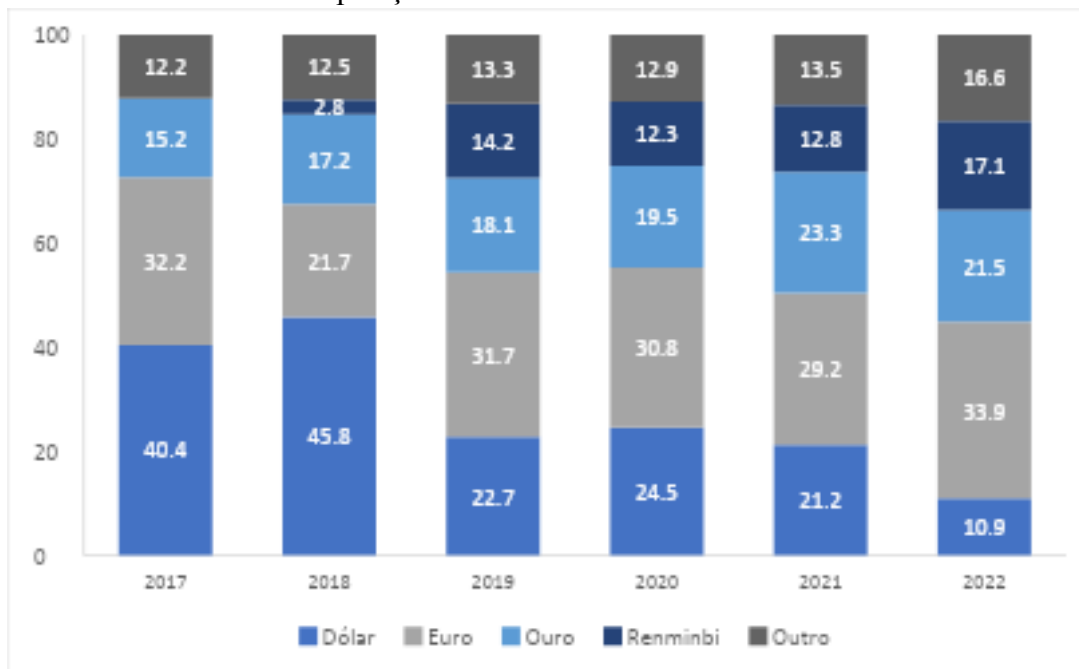
Gráfico 1 - Variação das Reservas de Ouro na Rússia Entre 2001 a 2023



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do World Gold Council (2023).

O Gráfico 2 nos dá a dimensão da composição do portfólio russo nas suas reservas, bem como suas variações entre os anos de 2017 até 2022, nota-se que a Rússia utiliza o dólar, o euro, o ouro e o renminbi como maiores fontes.

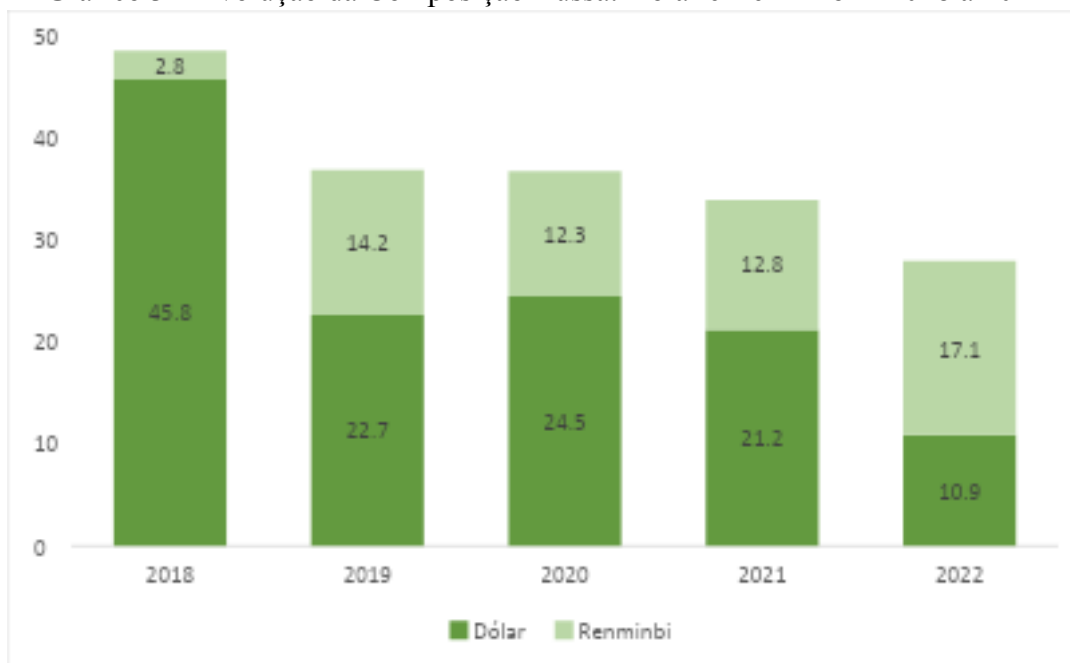
Gráfico 2 – Composição das Reservas da Rússia entre 2017 e 2022



Fonte: Elaboração própria através de dados do Banco Central da Rússia (2023).

No Gráfico 3 é possível ter melhor visualização a respeito da comparação nos últimos cinco anos entre a composição do dólar e do renminbi da Rússia e como a moeda norte-americana reduz-se consideravelmente no portfólio russo.

Gráfico 3 – Evolução da Composição Russa: Dólar e Renminbi – 2018 a 2022



Fonte: elaboração própria através de dados do Banco Central da Rússia (2023).

Em 2022 o dólar se torna quase quatro vezes menor na composição de moedas estrangeiras da Rússia em relação a 2018. Por outro lado, o renminbi possui uma evolução significativa a partir de 2018, se tornando em 2022 17,1% da composição russa, superando o dólar em 6,2%.

Os países sancionados buscam novos meios de reduzir sua dependência dos ativos em dólares, o que é uma resposta natural às sanções. Isso não apenas reduzirá a ameaça de futuras sanções financeiras dos Estados Unidos, mas também reduzirá o impacto negativo das sanções financeiras atuais, como mostrou a Rússia, que reduziu progressivamente seus ativos em dólares e o uso do dólar após o incidente da Criméia. De acordo com um relatório emitido pelo Banco Central da Rússia (2022), a proporção de ativos em dólares nas reservas internacionais da Rússia, incluindo ouro, caiu de 43,4% em junho de 2014 para 16,4% em junho de 2021. No mesmo período, a proporção de ativos de reserva da Rússia emitidos por entidades americanas também caíram fortemente de 29,7% para 6,6%. Sendo assim, de acordo com Xu e Xiong, (2022):

The large-scale financial sanctions imposed by the United States on Russia could further accelerate the Russia's policy stance of de-dollarization. For example, in 31 March decree, Vladimir Putin ordered that gas exports to Europe should be paid for in rubles instead of euros or dollars. Additionally, Russia is seeking payment in non US dollars for oil exports to some Indian customers (Xu; Xiong, 2022, p. 4).

Ainda segundo os autores, a respeito das economias emergentes;

US sanctions against Russia are also an alarm bell ringing for emerging countries. As an important geopolitical shock itself, sanction policy will exacerbate emerging market countries' concerns about the dollar system. It will force emerging market economies to rethink their management framework of international reserves, currency composition of foreign exchange reserves and alternative reserve assets. In particular, they need to assess cautiously whether and how to achieve currency and asset diversification of foreign exchange reserves (Xu; Xiong, 2022, p. 4).

A economia da Rússia é altamente dependente das exportações de energia, mas o petróleo é cotado e negociado em dólares. Este mercado representa uma área em que Moscou faz questão de desvincular-se do dólar. O governo russo parece ter encontrado um parceiro disposto a ajudá-los, a China. Em 2015, Pequim começou a pagar por suas importações de petróleo russo em renminbi, enquanto as empresas estatais russas de petróleo publicamente anunciaram sua intenção de aumentar o papel do renminbi em seus negócios com a China (Hobson, 2015).

Se por acaso a Rússia fosse desconectada do SWIFT, os bancos russos seriam forçados a usar alternativas, talvez tendo que convencer suas instituições a utilizarem um sistema doméstico exclusivo ou utilizar intermediários de nações amigas. Como, por exemplo, podem ser bancos na Bielorrússia ou outros membros da União Econômica da Eurásia², que estão ligados ao SWIFT, assim também como uma alternativa própria, Financial Messaging System of the Bank of Russia (SPFS) (McDowell, 2023).

Até o momento, o SPFS foi fortemente promovido na Rússia, mas não conseguiu receber muita aceitação no exterior. Desenvolvido em 2014, ele tem mais de 400 usuários domésticos – praticamente todos os credores russos licenciados – mas apenas alguns no exterior. Apesar de um desejo compartilhado de reduzir o domínio dos sistemas ocidentais na economia global e de sua amizade diplomática com a China - com apenas um banco chinês inscrito no SPFS - com duas milhões de mensagens por mês, o sistema doméstico responde

² União Econômica Eurasiática (UEE) é uma união econômica dos Estados localizados principalmente no norte da Eurásia. Um tratado visa a criação da UEE foi assinado em 29 de maio de 2014 pelos líderes da Bielorrússia, Cazaquistão e Rússia, e entrou em vigor em 1 de janeiro de 2015.

por apenas um quinto de todas as mensagens financeiras, de acordo com o relatório do Banco Central Russo (2022). Ele busca aumentar sua participação para um terço até o final de 2023.

Em junho de 2019, a Duma Russa aprovou uma lei que permite que entidades estrangeiras acessem o SPFS, segundo a qual o Banco Central da Rússia está qualificado para fornecer serviços de transmissão de informações financeiras a bancos estrangeiros, organizações internacionais e bancos centrais de outros países. A Rússia também fortaleceu gradualmente a cooperação com a Índia, China, Turquia e outros países, na esperança de estender o sistema SPFS a mais instituições estrangeiras. Entidades russas e estrangeiras já aderiram ao sistema SPFS e, em 29 de junho de 2022, Elvira Nabiullina, governadora do Banco da Rússia, disse que 70 instituições financeiras estrangeiras de 12 países já estavam conectadas ao sistema (Moscowtimes, 2021).

Influente agentes na China têm prestado muita atenção ao aumento do descontentamento em relação à dependência do dólar. O ex-governador do Banco Popular da China, Zhou Xiaochuan sugeriu que as sanções financeiras dos Estados Unidos prejudicariam o papel do dólar nos pagamentos internacionais. Ele acrescentou que isso pode representar uma oportunidade para acelerar o uso internacional da moeda chinesa, o renminbi. Na mesma linha, o economista chinês Yu Yongding argumentou em meados de 2020 que as sanções dos Estados Unidos contra a Rússia e o Irã permitem aos chineses avançarem com a internacionalização de sua moeda, no qual a China deve aproveitar tal oportunidade para promover o uso do renminbi em acordos comerciais com outros países não satisfeitos com o dólar (McDowell, 2021).

Embora uma estratégia específica seja difícil de definir neste momento, a China adotou várias etapas nos últimos anos que sugerem que está explorando cuidadosamente suas opções quando se trata do desenvolvimento de sistemas de pagamentos alternativos que não envolvam o dólar. Por exemplo, a China começou a explorar a possibilidade de pagar suas importações de petróleo na própria moeda (Chatterjee; Meng, 2018). A China também entrou em discussões com a Rússia sobre a criação de um sistema no qual os dois países possam liquidar o comércio entre os entre ambos em renminbi, ao invés de utilizarem o dólar.

Rússia e China se afastaram ainda mais do uso do dólar no comércio bilateral em 2018, após a imposição de pesadas tarifas pelos Estados Unidos sobre produtos chineses e o início da guerra comercial entre esses dois países. Enquanto Moscou já havia liderado a iniciativa de desdolarização, Pequim rapidamente modelou a estratégia da Rússia quando percebeu seu próprio risco para as medidas financeiras punitivas dos Estados Unidos. Isso

abriu caminho para um acordo realizado em 2019 para substituir o dólar por moedas nacionais em acordos internacionais entre eles. Essa coordenação financeira ajudou a Rússia a reduzir sua dependência do dólar no comércio. Enquanto mais de 80% das exportações totais da Rússia eram denominadas em dólares em 2013, apenas pouco mais da metade de suas exportações totais hoje são liquidadas em dólares. A maior parte da queda foi absorvida pelo comércio com a China (Bushari; Nikoladze, 2022).

Com o apoio do Banco Popular da China (PBoC), a China lançou em 2015 seu próprio sistema de serviços de compensação e liquidação, o CIPS, com o objetivo de internacionalizar o uso do renminbi. Ele permite que bancos globais compensem transações internacionais em renminbi diretamente onshore³, em vez de compensar bancos em centros offshore⁴. O CIPS informou que processou 135,7 bilhões de renminbi (US\$ 19,4 bilhões) por dia em 2019. No final de junho, cerca de 980 instituições financeiras em 96 países e regiões usaram o sistema. Eles incluem 30 bancos no Japão, 23 bancos na Rússia e 31 bancos de países africanos que receberam fundos em renminbi por meio de projetos de infraestrutura sob a Iniciativa Belt and Road⁵ de Pequim. Por enquanto, o CIPS ainda depende amplamente do SWIFT para mensagens financeiras internacionais, mas tem potencial para operar de forma independente e ter sua própria linha de comunicação direta entre organizações financeiras (Reuters, 2020).

De acordo com Lockett e Kinder (2022), há sinais de progresso. Nos últimos anos, a moeda chinesa finalmente superou o iene do Japão no ranking de pagamentos internacionais do SWIFT, ficando em quarto lugar pela primeira vez em sua história. Porém, a verdadeira ambição da China é ir além da estrutura financeira controlada pelo Ocidente, por isso, passou anos desenvolvendo seu próprio sistema de pagamentos denominado em renminbi, por meio do qual os pagamentos aumentaram cerca de 20% em 2020.

De acordo com o jornal Reuters (2020), com o renminbi ainda longe de ser uma moeda globalmente importante, os bancos estrangeiros podem ainda não sentir uma necessidade urgente de uma rede de mensagens alternativa que atenda especificamente a entidades chinesas fora da região. No final de junho de 2019, o renminbi representava apenas 1,76% de todas as liquidações de contas via SWIFT - atrás do dólar, do euro, da libra esterlina

³ Empresas onshore são aquelas que, em termos financeiros, produzem seu negócio no país de origem, ou seja, em terra. Sendo assim, tem suas obrigações fiscais regidas pelas políticas internas.

⁴ Offshore, em tradução direta “fora da costa”, é toda organização que tem transações realizadas em país estrangeiro, sujeitas a um regime extraterritorial.

⁵ Belt and Road (BRI) é uma ambiciosa estratégia de desenvolvimento adotada pelo governo chinês que visa reviver antigas rotas de comércio por meio de uma rede de projetos de infraestrutura para a Ásia Central, o Sudeste Asiático, o Oriente Médio e a África.

e do iene japonês. O renminbi ainda está em oitavo lugar em termos de volume de negócios no mercado cambial. Mas subiu em agosto de 2019 para o quinto lugar nos pagamentos SWIFT e, depois de ultrapassar os dólares canadense e australiano, ocupando o quinto lugar nas reservas cambiais dos bancos centrais.

Embora este sistema esteja longe de ser um desafio para a compensação global do dólar, representa um ponto de partida para pagamentos internacionais, em teoria, também podendo fornecer refúgio financeiro para países que sofrem com sanções impostas pelos Estados Unidos.

5 Considerações finais

A predominância do dólar é a base da hegemonia monetária e financeira dos Estados Unidos, assim definiu a ordem internacional liberal na era do pós-guerra. Dólares são usados em todo o mundo para fins de transação, para faturamento, para gestão de patrimônio e risco, e para funções menos significativas, como turismo. Das 180 moedas existentes no mundo, o dólar e o euro estão em um patamar próprio.

Enquanto moeda dominante, faz com que haja privilégio para os Estados Unidos emitirem dívida na moeda de reserva mundial, e o privilégio para sancionarem os países de comportamento “errado”. Por muito tempo, o Federal Reserve operou sua política monetária apenas de acordo com a situação econômica nacional. Como moeda nacional, não há motivos para muitas críticas, mas o dólar desempenha um papel de bem público global.

Ainda não apareceu uma alternativa real que possa representar um forte desafio ao dólar ou ao SWIFT. O dólar ou o SWIFT têm fortes efeitos de rede, o que resultará ainda mais em uma inércia do SMI e impedirá mudanças fundamentais. Mas, como foi mostrado, isso não significa que o SMI permanecerá estável.

A utilização do SWIFT como arma intensificou o desenvolvimento de novas ferramentas para transações financeiras como uma alternativa ao sistema de pagamento existente para o comércio internacional. Economias, como a China, desempenham o papel principal no que diz respeito a esses sistemas alternativos, particularmente no que diz respeito ao CIPS, utilizado para transferências entre países, mesmo que ainda relativamente menor aos SWIFT. Até o momento, as transferências transfronteiriças assentam-se em um grau muito elevado de centralização das suas infraestruturas, sob controle da União Europeia e principalmente dos Estados Unidos. Uma polarização óbvia, mas, com a existência de um

conjunto de novos sistemas concorrentes entre si pode enfraquecer essa importante característica da financeirização, um desenvolvimento que está claramente preocupando os agentes norte-americanos.

Como pode ser visto, a dependência do dólar pode criar diversos problemas para países pequenos e aqueles considerados periféricos, pois estes países devem se “curvar” as exigências impostas pelos Estados Unidos, e caso descumpridas tais exigências estes países acabam sofrendo sanções. Esses atos prejudicam suas economias que dependem principalmente das exportações. Porém, esta postura adotada pelos Estados Unidos acaba fazendo com que sejam buscadas novas formas de pagamentos internacionais sem utilização do dólar como moeda principal, como é o caso da China e da Rússia, que acabaram desenvolvendo seu próprio sistema de pagamentos e utilizar cada menos do dólar em suas reservas de moedas estrangeiras; logo, a segunda maior economia do mundo lança sua moeda para o SMI como também diz ser possível uma alternativa, incentivando países a realizarem a “desdolarização”.

Referências

- BANK OF RUSSIA. International Reserves of the Russian Federation. Disponível em: https://www.cbr.ru/eng/hd_base/mrrf/mrrf_m/?UniDbQuery.Posted=True&UniDbQuery.From=01.2023&UniDbQuery.To=01.2024. Acesso em: 16 nov. 2022.
- BANK OF RUSSIA. Bank of Russia Foreign Exchange and Gold Asset Management Report. Moscow, 2022. Disponível em: https://www.cbr.ru/Collection/Collection/File/39685/2022-01_res_en.pdf. Acesso em: 16 nov. 2022.
- BUSHARI, M.; NIKOLADZE, M. Russia And China: Partners In Dedollarization. 2022.
- CHATTERJEE, S.; MENG M. China Taking First Steps To Pay For Oil In Yuan This Year. Disponível em: <https://www.reuters.com/Article/Us-ChinaOil-Yuan-Exclusive/Exclusivechina-Taking-First-Steps-To-Pay-For-Oil-In-Yuan-This-YearSources-Iduskbn1h51fa/>. Acesso em: 16 jul. 2023.
- DE GOEDE, M. Finance/Security Infrastructures, Review Of International Political Economy. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09692290.2020.1830832>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- DUPAS, G. Hegemonia Norte-Americana, Governabilidade Global E Impasses Nos Grandes Países Da Periferia. Contexto Internacional [online], v. 25, n. 2, p. 273-295, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-85292003000200002>. Acesso em: 17 dez. 2022.

EICHENGREEN, B. Sanctions, Swift, And China's Cross-Border Interbank Payments System. Center For Strategic and International Studies Briefs Federal Reserve Bank Of New York. "Chips". 2022. Disponível em: <https://www.newyorkfed.org/Aboutthefed/Fedpoint/Fed36.Html>. Acesso em: 18 jul. 2023.

FERNANDES, M.; PEDRO DE CARVALHO, M. Inserção chinesa no Sistema Financeiro Internacional: assertividade e resposta às sanções do Ocidente. *Conjuntura Austral*, [s. l.], v. 15, n. 70, p. 39–50, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/135425>. Acesso em: 18 jul. 2023.

GALOUSHKO, K.; FEDORINOVA, Y. Russian Markets Slide After Us Ups Ante With The Worst Sanctions Yet. 2018. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/News/Articles/2018-04-09/RussiaGovernment-Said-To-Seek-Ways-To-Help-Sanctioned-Oligarchs?>. Acesso em: 19 jul. 2021.

HELLEINER, E. Political Determinants Of International Currencies: What Future For The Us Dollar? *Review Of International Political Economy*. 2008. Disponível em: <https://www.swift.com/about-us/history>. Acesso em: 07 jul. 2023.

FARRELL, H.; NEWMAN, L. Weaponized Interdependence: How Global Economic Networks Shape State Coercion. *International Security*; 44 (1): 42–79, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1162/Isec_A_00351. Acesso em: 18 jul. 2023.

HOBSON, P. Russia Embraces Yuan In Move Against Us Dollar Hegemony. *The Moscow Times*. 2015.

LEE, L. Cips Vs. Chips: China's Alternative To The U.S.-Dominated Financial System Live. *The China Project*. 2022. Disponível em: <https://thechinaproject.com/2022/10/31/Cips-Vs-ChipsChinas-Alternative-To-The-U-S-Dominated-Financial-System-Live-With-Lizzi-Lee/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

LOCKETT, H.; KINDER, T. How The Ukraine War Could Boost China's Global Finance Ambitions. 2022. Disponível em: <https://www.ft.com/Content/D5346dcd-D23c-4f82-Abc9-E29dc53a0fb5>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MCDOWELL, D. Financial Sanctions And Political Risk In The International Currency System, *Review Of International Political Economy*. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09692290.2020.1736126>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MCDOWELL, D. *Bucking the Buck: US Financial Sanctions and the International Backlash against the Dollar*. New York: Oxford Academic, 2023.

NORRLOF, C. ET AL. *Global Monetary Order And The Liberal Order Debate*. *International Studies Perspectives*, 2020.

XU, Q.; XIONG, A. The Impact Of Financial Sanctions On The International Monetary System, China Economic Journal, 2022.

RAPPEPORT, A. Why Didn't The U.S. Cut Off Russia From Swift? It's Complicated. 2022. Disponível em:
<https://www.nytimes.com/2022/02/24/Business/Russia-Swift-FinancialSystem.Html>. Acesso em: 17 dez. 2022.

REUTERS. Factbox-China's Onshore Yuan Clearing And Settlement System Cips. 2020. Disponível em:
<https://www.reuters.com/article/business/autos-transportation/factbox-chinas-onshore-yuan-clearing-and-settlement-system-cips-idUSL3N2F115E/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

REUTERS. Dollar Should Not Dominate The World – Russian Pm Medvedev. 2017. Disponível em:
<https://www.reuters.com/article/world/russias-medvedev-says-the-world-shouldnt-be-dominat-ed-by-one-currency-idUSKBN1D13J0/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SEGAL, S.; REYNOLDS, M.; ROBERTS, B. Degrees Of Separation: A Targeted Approach To U.S.-China Decoupling. Washington, Dc: Center For Strategic and International Studies, 2021. Disponível em:
<https://www.csis.org/Analysis/Degrees-Separation-TargetedApproach-Us-China-Decoupling-Final-Report>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SWIFT. Worldwide Currency Usage and Trends: Information Paper Prepared by SWIFT in Collaboration with City of London and Paris EUROPLACE. 2015. Disponível em:
<https://www.swift.com/newsevents/news/new-research-highlights-currency-usage-and-trends-in-global-payments>. Acesso em: 15 jul. 2024.

THE MOSCOW TIMES. Should Russian Banks Be Scared Of Swift Disconnection? 2021.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. World Investment Report 2021. New York: Unctad, 2021. Disponível em:
<https://unctad.org/Webflyer/World-Investment-Report-2021>. Acesso em: 15 jul. 2024.

WORLD GOLD COUNCIL. Central Bank Gold Reserves Survey, 2023.

YEUNG, R.; KHOON G. Petroyuan Will Not Bring About A Regime Shift Soon. Anz Research, China Insight, 2022.

Recebido em 03 de outubro de 2024.

Aceito para publicação em 22 de novembro de 2024.